

MOVIMENTO CATRUMANO



Maria da Cruz - Foto Anderson Figueiredo

A Conjuração do São Francisco

Ainda desconhecida a Conjuração do São Francisco foi o primeiro movimento sedicioso ocorrido no Brasil contra a dominação portuguesa. Abafada pela Colônia, não foi revivida pelo Império, após a Independência e nem pela República. Pouco se divulgou sobre ela, quase nada se sabendo sobre a pessoa de Maria da Cruz, de ilustre família da casa da Torre, esposa de Salvador Cardoso de Oliveira, senhora do povoado de Pedras de Baixo, hoje município de Maria da Cruz, desmembrado de Januária, nas margens do rio São Francisco.

No ano de 1736, registram Diogo de Vasconcelos e Brasiliano Braz, após o desaparecimento do Cel. Januário Cardoso, chefe da poderosa família Cardoso, o Vale mineiro do Médio São Francisco foi dividido entre seus familiares, cabendo a Maria da Cruz o povoado de Pedras de Baixo. Seu filho Pedro Cardoso movimentava um grande comércio, pelo São Francisco, entre a Bahia e o Distrito de Ouro em Minas Gerais. Toda a região era um centro de produção de gado, que abastecia o Distrito de Ouro, encravado nas entranhas das montanhas mineiras.

Revoltados contra os pesados tributos, bem antes da Inconfidência Mineira, os barraqueiros do rio São Francisco saíram da conspiração silenciosa para a ação militar. Com forte contingente de homens armados, Maria da Cruz, Domingos do Pardo e Oliveira, Pedro Cardoso, André Gonçalves de Figueira e outros chefes subiram o Rio em barcas para o confronto armado com as forças da coroa portuguesa, em busca da liberdade.

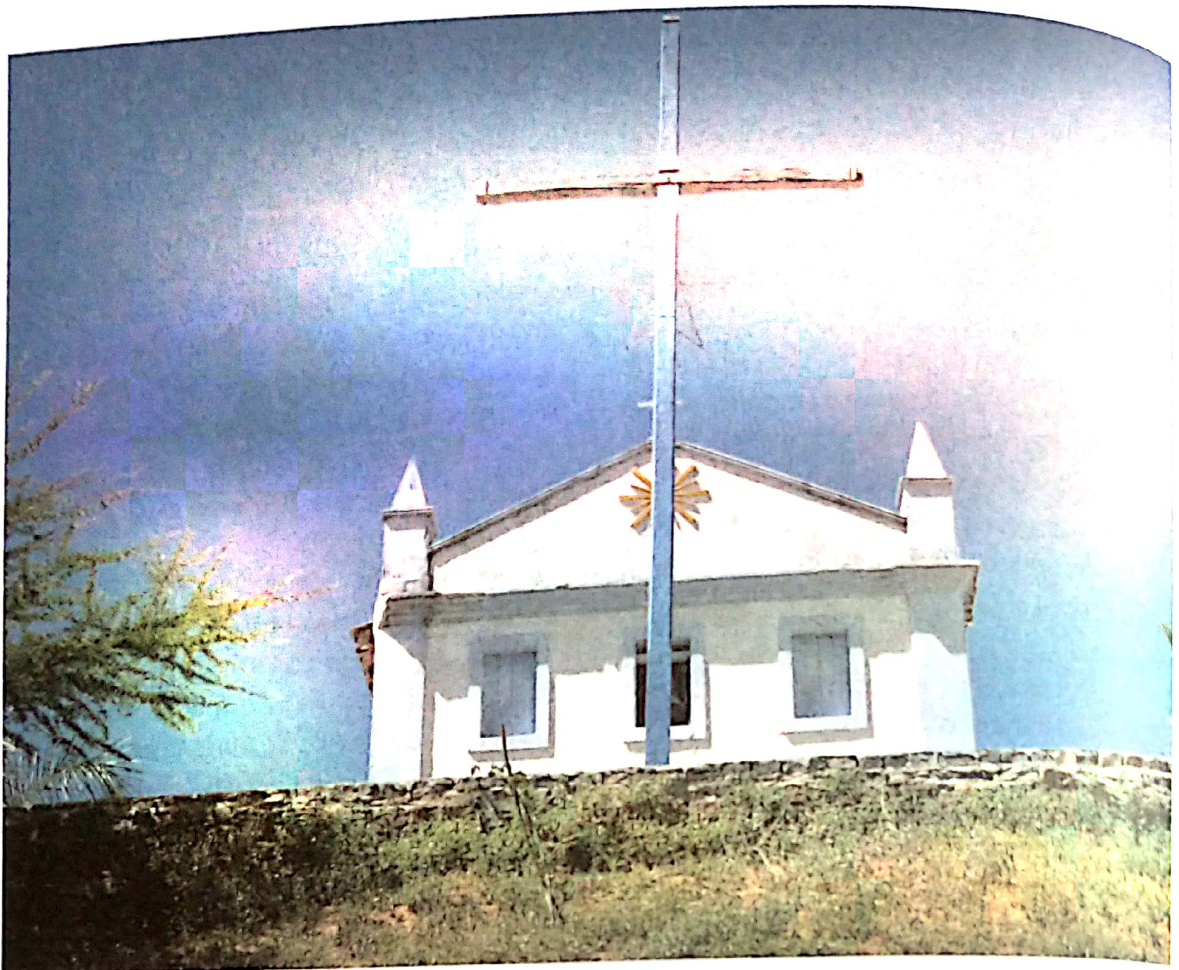
Relata Diogo de Vasconcelos que na Semana Santa de 1736, em abril, a família Cardoso reuniu-se em Morrinhos, onde foi idealizado o plano de invasão de Vila Rica, então capital da Capitania, para expulsar o governador Martinho de Mendonça.

Não tiveram, contudo, um pulso forte, um líder com poder para unir os diversos grupos. Pretendiam subir o Rio das Velhas, que era navegável, até Sabará. Cada um dos sediciosos comandava seu povo, de forma desordenada, razão porque não passaram da barra do Guaicui. De ser lembrado, por necessário, que eles foram muito além dos inconfidentes. Saíram da conspiração silenciosa para a ação militar. Entre os conspiradores não haviam, no entanto, nobres, mas Maria da Cruz cultuava as letras, embora tenha se destacado pela implantação das primeiras escolas de Minas Gerais, uma de humanidades e outra de artes e ofício. E teve como mártir, André Gonçalves Figueira, que foi o primeiro exilado político da colônia, tendo sido desterrado para a África.

Quando se fala, hoje em revitalização do rio São Francisco - o Rio de todas as águas - cujos afluentes têm sido vítimas do processo de destruição de suas nascentes e de suas matas ciliares; quando se reconhece o assoreamento do seu leito, que impediu a continuidade da navegação fluvial, a sua história deve ser lembrada como um marco do passado a exigir o reconhecimento do presente.

Sobre a Conjuração do São Francisco, registrada como um motim do sertão do São Francisco, aparecem algumas referências páldas: Carla M. J. Anastásia em “Vassalos rebeldes”, Edeilson M. de Azevedo em “Minas Insurgente”, dissertação de mestrado; Maria Verônica Campos em Governo de mineiros, tese de doutorado; Irenilda R. B. R. M. Cavalcanti em “O bom governo das Minas sob a ótica de Martinho de Mendonça”; Luciano R. de A. Figueiredo em “Furores sertanejos na América Portuguesa: rebelião e cultura política no sertão do rio São Francisco”; Jonice dos R. P. Morelli em “Escravos e crimes - fragmentos do cotidiano: Montes Claros de Formigas no Século XIX”, dissertação de mestrado.





Maria da Cruz - Anderson Figueiredo



Maria da Cruz - Anderson Figueiredo



Maria da Cruz - Anderson Figueiredo